

None significant modification was detected in the RABV pathogeny after five consecutive passages, for all RABVs analyzed. The N gene, shown the same characteristics after five consecutive passages in both systems analyzed (mice and cells) for the tree RABV strains. The RABV isolated from canine and the CVS, shown the same nucleotide sequence for the G gene after five passages in mice and in cells. The RABV isolated from haematophagous bat shown one amino acid change in the G gene after five passages, as in cells as in mice. Our results confirm the high stability of RABV and indicate minor genetic stability of RABV isolated from haematophagous bat than RABV isolated from canine, more experiments could be made to confirm these results. Financial support: Instituto Pasteur

PT.064

OCORRÊNCIA DE RAIVA EM HUMANO TRANSMITIDA POR ANIMAL SILVESTRE, EM ABRIL 2012, NO MUNICÍPIO DE TAPURAH-MT.

Reis VGL¹, Rocha SM², Almeida NN¹, Barros MC¹, Reis RC³ – ¹SES-MT – Vigilância em Saúde Ambiental, ²Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério – GT Raiva, ³Secretaria Municipal de Saúde de Cuiabá – CCZ

A raiva é uma doença infecciosa aguda, causada por um vírus, que compromete o sistema nervoso central (SNC), levando a um quadro de encefalomielite aguda, cuja letalidade é de aproximadamente 100% (Brasil, 2005; Brasil, 2009 e Kotait *et al*, 2009). Os animais domésticos, silvestres terrestres e morcegos são os maiores transmissores dessa doença aos seres humanos principalmente pelo contato da saliva contaminada por meio de mordedura, lambedura ou arranhadura (KOTAIT *et al*, 2009 e WADA *et al*, 2011). O vírus da raiva apresenta uma alta capacidade de adaptação a diferentes espécies de mamíferos, sendo esta doença com ampla distribuição mundial, ocasionando grande impacto socioeconômico e gerando um grave problema de saúde pública (KOTAIT *et al*, 2009; e WADA *et al*, 2011). Diante da problemática da ocorrência desta doença em escala mundial este estudo teve como objetivo avaliar o número de atendimentos por agressões causadas por animais silvestres, sobretudo por morcegos, no estado do Mato Grosso no período de janeiro de 2007 a julho de 2012, através dos dados registrados no SINAN/DATASUS/MS/SES-MT. De acordo com os registros do SINAN, para o período analisado foram notificadas 688 agressões a humanos por animais silvestres. Destes casos de agressões notificadas, 3,0% (21/688) a espécie agressora foi a raposa, 23,5% (162/688) foram por primatas não-humanos e 73,4% (505/688) foram por morcegos. As agressões por morcego correspondem em média 84,1 (505/6) agressões por ano, sendo 64,7% (327/505) destes atendimentos registradas na zona urbana e 35,2% (178/505) na zona rural. Este estudo corrobora com os realizados por Reis *et al*, 2010; e Wada *et al*, 2011, em que as agressões por morcego segue um padrão onde os maiores registros foram na zona urbana, sugerindo uma ascendente procura ao atendimento do serviço público de saúde. Este fato pode ser consequência da acessibilidade ao serviço de saúde na área urbana como também, a conscientização da população urbana em relação ao contato com estes animais. No período avaliado observou-se que os maiores contatos foram principalmente por morcegos não hematófagos, insetívoros e frugívoros, comuns em ambientes urbanos, como edificações e em árvores frutíferas, utilizadas em paisagismo cultural regionalizado, como em pomares e praças, facilitando a interação entre estas espécies, e com os caninos, felinos e humanos, podendo ocasionar graves consequências, fatos estes observados também nos estudos de Sodr e *et al*, 2010 e Ribeiro *et al*, 2010. Analisando os casos de raiva em morcego, no período estudado foram registrados em 2008, 02 casos em morcego não hematófagos. Embora não tenha observado registro

de positividade em morcegos hematófagos, no estado de Mato Grosso tem ocorrido casos de raiva em herbívoros, transmitidos por *Desmodus rotundus*, sugerindo assim uma subnotificação nos sistemas de informação. Este fato indica que o vírus rábico silvestre – compatível com a variante 3, tem circulado no estado representando assim um grande risco para a população humana. As notificações de agressões a humanos, os casos de raiva em morcegos, a ocorrência de raiva em herbívoros, dentre outros fatores, evidenciam o registro de um caso humano no município de Tapurah, diagnosticada por variante compatível de animal silvestre (variante 3) com sugestiva transmissão por cervídeo. Estas situações discutidas, sugerem que outros casos suspeitos de raiva poderão ocorrer, sendo necessária e de fundamental importância a implementação de ações de vigilância e condutas oportunas frente a contato por morcegos e outros animais silvestres, sinalizando um alerta a toda sociedade sobre o risco de transmissão da doença por estas espécies. Este estudo teve como incentivo os trabalhos desenvolvidos pelos professores Wilson Uieda e Ricardo Moratelli Rocha, e o apoio institucional da Secretaria Estado de Saúde do Estado de Mato Grosso. **Palavras-chave:** Raiva, Vigilância, Animais Silvestres, Quirópteros.

PT.065

PHOSPHOPROTEIN P GENE IS NOT ASSOCIATED WITH RABV INCUBATION PERIOD AND LETHALITY

Fahl WO¹, Scheffer KC¹, Iamamoto K¹, Carnieli Jr P¹, Castilho JG¹, Oliveira RN¹, Carrieri ML¹, Kotait I¹, Brandão PE² – ¹INSTITUTO PASTEUR – VIROLOGIA, ²Universidade de São Paulo – FMVZ-USP

The phosphoprotein P is multifunctional and the less conserved among *Rabies virus* (RABV) proteins, associated with the ribonucleoprotein (RNP), with a role in the binding of the polymerase L in the RNP. Interactions involving P are related to RABV tropism, the cell-to-cell virus spread and inhibition of innate immune response that interferes with or stops the replication of viruses. P is also involved in the trans-axonal transport of RABV and interferon (IFN) inhibition, which could modulate the pathogenesis viral. There are hypotheses that the RABV proteins polymorphisms can lead to variations in the replication efficiency of different strains of RABV in different hosts, culminating in variable viral titers, modulating viral pathogenesis and leading to different efficiencies of intra-axonal transport and function as a co-factor in the synthesis of viral RNA. However there is still much to be clarified on this subject. To this end, 29 RABV strains from bats of the genus *Artibeus* sp. isolated in mouse brain were selected with variable lethality (LET) and incubation periods (IP) in days after inoculation in the central nervous system of mice. The samples were subjected to titration in N2a cell cultures and complete sequencing of the P gene. Data analysis including LET, IP and titer in association with the pattern of segregation of the viral strains studied in the phylogenetic tree showed no association between these variables and polymorphisms of the P Gene. It can be speculated that other proteins, such as the polymerase L, currently under consideration by the authors, may have an important role in the modulation of incubation and lethality, when considering viral strains that are very closely related regarding the P gene. This information is applicable for discussions about the importance of rabies reservoirs, the dynamic of the virus and the different forms of host-virus co-evolution, contributing to further studies on RABV pathogenesis. Financial Support: Instituto Pasteur de São Paulo and CAPES